



FAMILIA DE TUDARS.

Há na região meridional da Índia, fronteiras do reino de Mysore, um districto montanhoso, que as ultimas guerras dos inglezes tem feito conhecer, e que é notavel pela indole dos habitantes, diversa de quantos povoam as vastas peninsulas d'alem e d'aquem Ganges: é mais uma próva de que os indigenas de serras alpestres, e que parecem intrataveis, são mais amigos e ciosos da independencia, são de animo mais robusto e deliberado que os naturaes das planicies e territorios de ameno clima e facil producção.

São, para assim dizer, os suissos da Asia. O Afghanistan já mostrou asperamente ás tropas britannicas como os povos serranos, barbaros mas valentes, ora se defendem ora accommettem; e se a região, de que tratâmos, attendendo ao algarismo denotador da povoação, não é tanto para temer, nem por isso ha menores brios em gente apegada ao torrão patrio e menosprezadora da vida, como elles se ostentam. — Vimos número pequeno de albancezes ceusar a vozes do poder immenso da Porta Ottomana.

Mora este povo na paragem em que se encontram as duas cordilheiras de montanhas, oriental e occidental, chamadas *Ghauts* pelas modernas geographias: a sua principal residencia é nas serras de Neilgherry, palavra que os inglezes formaram de

outras duas da linguagem daquella terra, *nila* que significa azul, e *giri* cabeça ou serro: tão limpa e de cor azul celeste é a atmospha geralmentenaquellas paragens que os naturaes deram ao paiz um nome derivado do céu puro que os cobre. — Sobre um passo difficil, porem de vistas picturescas, ainda permanece o forte onde mandavam guardar os seus prisioneiros d'estado os sultões de Mysore, Hyder Ali, e seu successor Tippú, homens famosos, que deram grande trabalho e causaram dolorosas perdas ao exercito britannico na Índia, e que lograram a honra de correrem pela Europa retratos seus e largas historias de suas proezas.

Estanceiam por alli varias tribus, todas de igual genio; todavia a mais pequena é a mais distincta; denomina-se a tribu de Tudar. Os homens são de mediana estatura, mas de formas athleticas, bem feitos de corpos e de physionomia expressiva: divisam-se nos seus rostos parencças de estatuas gregas e romanas, e eis-aqui a grandissima differença que os separa de todos os habitantes da Índia: dizem pertencer á casta que povoou originariamente aquelle cantão, e eis-aqui um problema de geographia em quanto referida á distribuição das castas pelo globo. — As mulheres, de mais delicada compleição segundo é proprio do sexo, nas feições e talhe

são exactamente proporcionaes aos varões; como estes são dotadas d'olhos vivos e rasgados, e possuem formosas tranças de cabello, negras e bastas; é de notar que os homens ordenam tambem o seu cabello, igualmente corredio e longo, com um certo alinhamento, que não era de esperar em nações incultas.

Todas estas circumstancias physicas mui ponderosas, que os differenciam de todos os indianos, mostram que os Tudars tem origem europea, qualquer que seja a sua derivação e o incidente que os collocou naquella ponto do mundo. Seguem pelo commum a vida pastoril; e por isso se não congregam em grandes povoações; ao contrario, cada familia, apesar das relações com as outras, vive em aduares [que não diremos casaes] separados, e mudam de residencia conforme o exigem as commodidades de que carecem, as alternativas das estações, e a conveniencia das pastagens para seus gados. — Por ora poucas vezes tem desenvolvido as suas qualidades guerreiras; mas quando os incitam não lhes periga a fama, inculcada pela sua corpulencia e presença d'espírito; e os seus visinhos, ainda que somenos no aspecto physico, não deixam de lhes dar bom exemplo.

ANTIGAS CÔRTEZ DE PORTUGAL.

(Continuado de pag. 23 do presente vol.)

REPRESENTOU D. Fernando dois papeis diametralmente oppostos: como legislador bastariam os seus actos a illustrar qualquer reinado; e como homem seriam os seus defeitos sobejos a escurecer as maiores virtudes. A posteridade severa, senão ingrata, lembra-se sómente das fragilidades do monarcha, do seu character inconstante e frivolo tanto como prodigo, dos seus desacertos, e dos seus amores.

Homem temperado e de mediana prudencia, se o fôra, podéra Fernando decorrer seus dias em paz, sustentar a sua corôa com grandeza, e o seu povo podéra crescer em prosperidade: até não fôra impossivel que o genio maritimo dos portuguezes se desenvolvesse com a boa sombra que lhe mostrava este rei, e que cedo ou tarde se aventurassem na carreira immensa dos descobrimentos, mas que fosse sem aquelle vivo ardor de que os inspirou o reinado popular que se lhe seguiu tão rico de gloria, e tão fecundo de exemplos. Então se anticipára talvez a epocha em que pelo prestigio das conquistas, o empenho de dilatar a influencia do christianismo, e a cobiça da riqueza das colonias, se havia de trocar o zêlo das prerogativas politicas, e o amor das liberdades nacionaes. Mas outros destinos estavam reservados a este paiz. Do excesso do mal tinha de nascer o bem; dos erros e fraquezas do poder de sahir a sabedoria e força do povo. A um monarcha debil havia de succeder um heroe; e a um rei por geração um rei por escolha. Cumpria que um bastardo fosse levantado e aclamado nos escudos populares, e para triumpho completo da soberania nacional, esse bastardo tinha de excluir e prevalecer a todos os herdeiros legitimos da corôa.

Assim tinha chegado a sua vez de triumpho aos cidadãos — que cidadãos desde então ou desde as côrtes de Elvas em 1361, art.º 79, começaram a chamar o estado do povo. E nas famosas côrtes celebradas em Lisboa no anno de 1385, propozeram ellas em um dos capitulos ao novo rei: que compo-

lhido por esta cidade; e do Porto, Coimbra e Evora lhe appresentaram lista triplíce de candidatos donde elle para o mesmo fim escolhesse um por cada uma daquellas cidades: que ouvisse os povos em todos os negocios a elles pertencentes; pois de D. Fernando, seu irmão, os privar desse direito, se seguiram muitos males — e não lançasse os tributos, sem sua audiencia, e sem buscar d'accordo com elles a maneira mais suave de os impôr e arrecadar: que não fizesse paz ou guerra sem o seu consentimento: que lhes levantasse a defeza de não matar cervos nem perdizes no termo da cidade, para assim cessarem as sobrancerias e affrontas que ao povo faziam os conteiros. Tudo isto, e mais que pediram, lhes foi outorgado pelo novo rei.

Já então, segundo consta dos capitulos destas côrtes, começava a ser contado como distincto dos outros tres o estado dos *letrados*; novidade que o correr dos tempos mostrou pouco favoravel á representação nacional. Comtudo a estrella dos nossos antigos foros subia nessa epocha assignalada ao seu apogeu. Foi essa a idade de ouro do governo popular; e a aurorã, tambem, dos nossos descobrimentos, e a brilhante constellação dessa familia digna do sceptro toda ella e do povo a quem presidia; raça verdadeiramente illustre como a dos homens de Plutarcho. Nos 48 annos do seu reinado convocou D. João 1.º 22 vezes côrtes. D. Duarte em 5 annos convocou-as 4 vezes. E Affonso 5.º 23 vezes.

No reinado deste, ainda menor, nas côrtes de Torres Novas de 1438 se determinou que ás attribuições concedidas, como já notámos, a estas assembleas em 1385, se acrescentaria a de marcar o valor da moeda, e nomear os titulares e altos funcionarios para os differentes cargos e ramos da administração publica. Nellas se tomou tambem a importante decisão — que dahi em diante seriam convocadas annualmente.

Com tal imperio como iam ganhando sobre a auctoridade real as prerogativas populares, era impossivel que os estados continuassem a tolerar sem resistencia o costume que os reis tinham de fazer leis na ausencia delles, e de revogar ou desprezar as que tinham approvado aquellas assembleas. E de feito pelas côrtes de 1451 congregadas em Santarem, foi o rei arguido desse costume a que não podemos apodar de *abuso*, porque antes era *uso*, ainda que pessimo tão antigo, que chega a ser immemorial. E nas convocadas em Lisboa, no anno de 1455, se queixou o estado do povo de *innovações* feitas por cartas regias, a requerimento de particulares, nos capitulos outorgados durante a penultima legislatura; concluindo o seu capitulo nestes termos: «E porque, Senhor, esto he muito davorrecer até a Vossa Real Magestade, por ser muito contraio a vossos povos, pedimos a Vossa Excellencia, que lhe praza a nos confirmar todos os capitulos, que nos outorgados forão nas ditas côrtes passadas, sem embargo de algumas cartas, que em contraio são dadas; e daqui em diante tenhaes maneira assi no passado, como no que nos agora outorgades em estas presentes a mais se não quebrantar; salvo em outras côrtes, quando sobre algum caso achardes algum impedimento.»

Com o mesmo fundamento da incompetencia do poder real para fazer leis, ausentes as côrtes, se aggravou o estado da nobreza nas de Coimbra em 1462 de as ter elrei feito só com os do seu conselho, e tambem ordenações, contrarias umas e outras aos privilegios e interesses dos fidalgos; e se

queixou igualmente de que, *sem ser chamado nem ouvido*, se outorgassem pelo monarcha em congresso legislativo dos outros braços muitos capitulos prejudiciaes aos nobres: reclamação singular, onde se dá claramente a entender que algumas vezes aconteceu reunirem-se os outros ramos do poder politico, e legislarem, sem a assistencia e presença deste, contra os interesses do mesmo.

Depois de haverem tocado o ponto mais alto do seu esplendor nos reinados de D. João 1.º, de D. Duarte e de Affonso 5.º, começaram as instituições constitucionaes a declinar com D. João 2.º Este monarcha, tão grande como ambicioso, procurou destruir o poderio dos nobres encostando-se ao braço do povo, e enfraquecer o braço do povo pensando depois sobre elle com toda a pressão e enormidade do poder da corôa. As circumstancias eram favoraveis aos planos da sua politica. O throno, opulento das heranças e aquisições dos reinados anteriores tinha mais meios de adormecer a vigilancia dos povos, e de fazer com seus dons menos devoto ou mais tibio o amor da liberdade. A monarchia estavel e forte, pouco receosa já da inimidade de Hespanha, não precisava como até ahi lisongear as sympathias democraticas do terceiro estado para que este se prestasse a resistir áquella potencia com duplicado tributo de sangue e dinheiro. A paixão da novidade que se precipitava para os descobrimentos — a cobiça que corria, impetuosa, para as conquistas — e o entusiasmo da fé, ancioso de ir semea-la em mundos desconhecidos, inclinavam para outro polo a actividade sempre inquieta das multidões. Escala poucas vezes desmentida, e estatuto quasi eterno e irrevogavel das sociedades que do governo monarchico-aristocratico tem de passar para o unitario e absoluto.

Mas como nem ao nosso espirito satisfazem, nem o da historia, por muito que se deseje abreviar o seu quadro, comporta generalidades vagas; de um lanço de olhos sobre as còrtes de Evora de 1481—1482 (*) observaremos que talvez sejam aquellas, de quantas se reuniram em Portugal, em que as ordens privilegiadas receberam os golpes mais profundos na propriedade, na jurisdicção, e em toda a especie de regalias. A quem ler aquella serie de capitulos com mediana attenção será manifesto, que reformas tão radicaes como alli se contém se encaminhavam a desarmar a nobreza e em parte o clero de todo o poder real; e a privar-las a um tempo de duas forças e influencias — a que dá a riqueza, e a que provém da opinião. Mas se é patente que sem aquellas reformas não podia o terceiro estado

(*) Entre os capitulos destas còrtes, encontram-se no primeiro dos que são relativos á defensão do reino, estas expressões notaveis: «Item, Senhor, dizem vossos povos que todollos senhores e fidalgos, que terras e reguengos e direitos reaes teem da corôa do Regno, que per direito vos podeis tomar; querendo-lhos vosa Senhoria leixar em suas vidas, que elles seião obrigados a vos servir com certas lanças, segundo cada um tiver a renda; *ca esta foi a propria tenção e vontade dos reis que lhos devom segundo direito comum.*» Donde se infere que ao menos no conceito dos procuradores áquella assemblea — conceito de muito peso pelo excellento juizo de que elles deram testemunho em seus capitulos; — as terras da corôa, possuidas por donatarios, estavam sujeitas a um como onus feudal; porque o donatario era obrigado a prestar dellas tributo de sangue, ou serviço militar ao monarcha; serviço, como bem se deprehende dos capitulos seguintes, pago á custa do donatario.

Nos capitulos da fazenda empregavam-se as palavras receita (*recepta*) e despeza na accepção, exactamente, com que hoje correm.

enraizar-se e crescer um dia á importancia que lhe estava reservada; não é menos certo que por ellas ficava desde logo o poderio da corôa de maneira engrandecido, que se tornava incontrastavel: para o povo era um preparo, cujas consequencias haviam de chegar lentamente com a acção do tempo: para o rei era uma vantagem immensa, uma aquisição obtida em continente. O grande pensamento das còrtes de Evora só podia fructificar para a liberdade, e para o terceiro estado n'um futuro mui distante. Os procuradores de 1481 trabalharam para a posteridade; mas no entretanto o seu trabalho utilisou-o a corôa, robustecida com todo o poder que elles tiraram á nobreza. A nobreza nunca mais recuperou o perdido. O clero reparou as brechas soffridas do engrandecimento da auctoridade real, com os grandes privilegios que alcançou nos reinados successivos — de D. Manuel que os exemptou do pagamento da siza; de D. João 3.º que os admittiu a empregos de judicatura secular; de D. Sebastião, que ainda levou mais longe as contempções, libertando as suas rendas e generos da inspecção das alfandegas e auctoridades, e dando á sua influencia a latitude que offerecia o concilio de Trento, que era illimitada. E distraídos para a conquista, a attenção, os braços e a energia do terceiro estado, por um lado; e por outro applicada a sêde e ambição da igreja com os dons e immunidades de que o throno tinha sido prodigo e até perdulario a bem d'ella, ficou este, unico poder no estado, sem fiscal que o vigiasse, e nenhuma especie de moderador que o contivesse em seus desvios. Foram pois descendo em credito, e descendo muito, as assembleas politicas. No reinado de D. Manuel, que durou 26 annos, reuniram-se 4 vezes: no de D. João 3.º, que durou 36 annos, apenas 3 vezes as convocaram: no de D. Sebastião, que durou 16 annos, uma vez unicamente: e se bem nos dois annos em que o sceptro oscillou nas mãos tremulas do cardeal rei se congregaram duas vezes, foi para elegerem governadores que assistissem aos despachos do reino e á sentença da successão d'elle, porque eram muitos os pretendentes, e todos se julgavam com direito; e para elegerem os juizes que haviam de dar a sentença. Corando-se o estratagemma com falsas apparencias de prudencia e legalidade, applanou-se melhor do que já estava, o caminho á usurpação de Philippe. Ainda nas còrtes de Almeirim em 1580 houve, é verdade, um homem — Febo Moniz, procurador de Lisboa — que reclamou em nome dos povos o direito d'elles nomearem successor á corôa, por fallecimento do cardeal: mas a a sua voz não foi escutada. E em 1581 so reuniram còrtes em Thomar para ouvir a homilia fradesca do bispo Pinheiro; para dizer ao usurpador: «muito alto, e muito poderoso rei das Hespanhas, vinde sentar-vos no throno de Affonso Henriques e de D. João 1.º, que é patrimonio vosso!» e para lhes ser promettida a convocação, *quando fosse necessario*; que no espaço de 60 annos o foi duas vezes apenas, em 1583 e 1616.

(Continuar-se-ha.)

A. d'O. Marreca.

UM BRADO A FAVOR DA GLORIA NACIONAL E DAS BELLAS-ARTES.

QUANDO a picareta e o camartelo acompanhados do cordel municipal se conspiravam contra os monu-

mentos das artes que aformoseavam a nossa patria — o Panorama ergueu um brado em favor das victimas do moderno vandalismo — hoje não póde nem deve ficar silencioso quando lhe consta que os ultimos restos dos muitos primores d'arte, que enriqueciam Portugal, estão em perigo de por vil preço irem augmentar os museus estrangeiros. — Estes primores formam parte do espolio de Sua Magestade a Sr.^a D. Carlota Joaquina, e serão brevemente vendidos em hasta publica (*); e a troco de quatro ou cinco contos de réis verão os portuguezes cortar as aguas do seu Tejo o navio que levar para Inglaterra os quadros dos grandes mestres, que poderiam servir, para junto com o pouco que de outras identicas circumstancias nos tem restado, principiarmos a organização de uma galeria nacional, tão necessaria e que sem grande sacrificio poderia ser levada a cabo. — Nos quadros de que fallámos ha muitos admiraveis: será uma desgraça mais para Portugal, se forem levados para fóra do paiz. Pêza-nos que o pouco tempo que a tão importante objecto podêmos consagrar, não permitta que façamos uma rapida apreciação de tantas maravilhas artisticas que muito nos surprehenderam: mencionaremos de passagem um *Apollo* de Dominichini em que o colorido é de um effeito assombroso, o desenho correctissimo, e a expressão superior a todo o elogio: o *Baptismo de St.^o Hermenigildo*, por Giovanni-Francesco Barbieri, mais conhecido por *Guercino*: neste quadro transluz em toda a pureza e sublimidade do sentimento essa fé purissima e divina que por 76 annos derramou a luz do céu na virtuosa vida desse insigne artista, tão nomeado pela sua *Aurora*, ornada de tanta poesia e arte que rivalisou com a decantada aurora de Guido — e pelos seus quadros da *Morte de Catão* — de *Coriolano vencido pelos rogos de sua mãe* — da *Paz entre os sabinos e romanos*, e de muitos outros devidos á fecundidade e sublime inspiração do seu pensamento, e ao seu vigoroso pincel. O quadro de que fallámos demonstra todas as eminentes qualidades deste excellent pintor; pois que alem dos caracteres artisticos que são proprios da epocha em que floresceu, Barbieri possui um estylo com bastante originalidade, mormente no relêvo, o qual estudou com tanta perfeição, que foi por muitos classificado como o *magico da pintura italiana* segundo conta M. F. Valentin. No *Baptismo de St.^o Hermenigildo*, o cruzar dos braços do santo exprime de modo singular a contricção e respeito com que o sacramento é recebido, assim como a santamente imaginada cabeça do sacerdote exprime a purissima fé com que augmenta o numero dos bemaventurados: a figura, que pousa no chão um riquissimo vaso, é de grande effeito, e alem do contraste com que enriquece o quadro apresenta um conhecimento perfeito da musculação. Finalmente este quadro, e outro do mesmo auctor representando o *Descimento da Cruz*, nos arrebatam tanto, pelo pensamento e execução, que só por elles se deveria dar a quantia em que estão avaliados todos os cento e tantos de que consta esta collecção; e mesmo assim não se deveria pensar que se havia dado muito, porque obras destas não tem preço. No mesmo caso estão duas *marinhas* de José Vernet, que não ha imaginação que se cance de as contemplar, nem palavras que as possam devidamen-

te descrever. Assim, a encantadora paizagem de um celebre pintor, inspirado como Virgilio pelas margens poeticas e picturesque do maravilhoso golpho de Napoles, e cuja vida foi um drama tormentoso; Salvador Rosa que deixou nos seus quadros a imagem dos diferentes periodos dessa vida tão merecedora d'estudo. É tambem digno d'especial menção o magnifico quadro de Caraccio, copiado por Polidoro de Caravaggio, representando a crucifixão do apostolo S. Pedro. — A verdade com que este terrivel trance foi appresentado por Caravaggio, torna este quadro de um subido valor artistico. Alem de outros ainda devemos mencionar um quadro da escola de Rubens, que pela maneira com que a Magdalena está pintada e imaginada talvez seja do Van-dyck — e outros de Vellasques, de Caravaggio e de algumas das melhores escolas, tornam esta collecção preciosa e digna de não ser separada e vendida como despojos a que se não dá valor. Quando no ermo palacio da Bemposta admirámos estes magnificos quadros, tivemos occasião de contemplarmos um baixo relevo representando o corpo de Jesu-Cristo adorado pelos anjos, que deve certamente ser avaliado como um milagre e não um primor da arte — tal é o sentimento, a expressão, e o bem estudado da forma que anima e santifica toda esta composição. Perguntámos os preços em que estavam avaliados alguns destes riquissimos vestigios de uma grande riqueza — e com pasmo tornámos a perguntar se essa avaliação era feita pela Academia das Bellas-Artes. Disseram-nos que não, e immensamente sentimos que todo este respeitavel corpo não fosse ouvido em tão grave assumpto; e como em muitos outros da sua competencia não tem sido ainda, não podemos deixar de mencionar neste logar, que o saber dos professores da Academia e o pensamento da sua fundação e conservação mereciam que esta corporação, credora de muito louvor pelo zelo com que cultiva e promove o estudo das Bellas-Artes, fosse mais dignamente considerada. — O assumpto em que fallámos é tão grave que o amor das Bellas-Artes e da patria, com que tanto toca, póde-se demonstrar com mais vigor do que as circumstancias o requerem. — Terminaremos chamando a attenção do Governo e das Córtes sobre este importantissimo objecto, em que Portugal póde ou perder muito das suas honras de paiz civilizado, ou ganhar bastante do que já tem perdido. A nossa consciencia fica tranquilla, pois que erguemos um sumido e debil brado em favor da gloria da nossa patria e do esplendor das Bellas-Artes, cumprindo religiosamente o que se lê na introducção com que este jornal abriu o seu 7.^o anno: — «Sem suscitar odios, sem as grandes coleras do crer profundo, que, ás vezes, pelo exclusivo e pela intolerancia, apoz um grande bem que gera, traz deploraveis males: o Panorama tem procurado incorporar os desejos e esperanças do futuro com as saudades e tradições do bello e grandioso, que ennobrecem esta nossa boa terra.» — S. J. Ribeiro de Sá.

O CONDE SOBERANO DE CASTELLA, FERNÃO GONÇALVES.

912 — 970.

O alcaçar do calípha.

O VIAJANTE que no amanhecer do seculo 10.^o discorresse pelas margens do Guadalquivir, duas ou

(*) Este art.^o foi escripto em 8 de janeiro: a antecipação na impressão dos n.^{os} deste jornal poderá ser causa de que as nossas reflexões saiam á luz quando o mal já não tenha remedio.

tres leguas abaixo do sitio onde hoje se assenta a moderna Cordova, nas faldas do monte Alaro, encontraria um alcaçar magestoso, e attrahido da formosura d'esse edificio, que pelo exterior se lhe houvera de affigurar fortaleza, se penetrasse no interior d'elle, á porta principal veria logo a bellissima estatua de uma mulher; e tão acabada a formosura d'esse vulto inanimado de marmore, tão graciosas as fórmas, tão expressivas as feições, tão amoroso, meigo e adoravel aquelle mudo semblante, que pediria ao Creador um sopro de vida para animar o gesto á effigie insensivel. Depois entrando veria salas lageadas de marmore de diferentes côres, e de desenhos com variedade infinita; paredes forradas tambem de marmore, e ornadas de mosaicos preciosos; tectos de cedro esculpido, pintados de oiro e azul, e primoroso o lavor. No meio de cada sala uma fonte com torno de agua cristalina cabindo sobre bacia de marmore. E na mais vasta e magnifica das salas uma bacia de jaspe, servindo de receptaculo á fonte, onde se banhava um soberbo cysne de ouro, sobre cuja cabeça pendia do tecto uma perola formosissima. Se descesse aos jardins, ve-los-hia plantados com admiravel symetria: arvores de fruta, loureiros, murteiras, e laranjeiras; bosques picturescos; lagosinhos d'agua transparente reflectindo os ramos, os troncos, os frutos, o céu, e suas nuvens côr de purpura. No meio dos jardins uma eminencia, e sobre ella um pavilhão sumptuoso, sustentado em columnas de marmore branco, e os capiteis dourados; e no centro em vasta concha de porfiro um chorão de azougue, jorrando como agua cristalina, e o sol battendo sobre esse jorro, refrangendo-se em milhares de raios, e illuminando com brilho fantastico o interior da sala, que parecia oscillar como navio balouçado pelas vagas, ou ondear como a messe em campina extensa ao sopro impetuoso do vento. A cada passo se lhe offereceriam á vista n'aquelles jardins banhos magnificos, onde não penetrava a claridade senão por entre fendas abertas na abobada em fórma de estrellas; e essa claridade frouxa descia como albor matutino sobre grandes linas de marmore branco, onde passavam as horas mais abrasadas do dia os habitantes sensuaes d'esse logar de delicias. E no interior dos banhos tapetes, cortinado, reposteiros tecidos de ouro e seda, e bordados de flores, de folhagens, e figuras d'animaes, tão maravilhosamente obradas, que pareciam estar vivas.

A este retiro encantado se recolhêra a gosar do campo e da paz abd el Rahman 3.º, saciado de triumphos. As benções de Allah haviam afortunado a sua carreira gloriosa. A victoria sorria aos seus exercitos; e os inimigos ou abatidos por suas armas, ou perdida a esperanza de lhes resistir com bom successo, vinham submeter-se ao seu dominio. Alguns havia, bastardos da terra de Hespanha, que degenerando do valor de seus avós, esquecidos da origem nacional, vinham, deslumbrados pela fortuna e magnificencia do grande calipha de Cordova, sollicitar o amparo do crescente, e receber os dons e mercês corruptoras do agareno; apostatas da patria, e vergonha do nome christão! E a fama do poderoso abd el Rahman transpondo os Pyrinéus, e circulando ao longe tinha attrahido á sua córte as embaixadas e homenagens dos principes, quasi todos, da Europa.

Repousava agora de fadigas e cuidados no alcaçar de Azzahrat. Ao ameno do sitio, e ás belle-

zas do palacio juntava abd el Rahman uma córte fastosa, elegante e sensual no mais apurado gráu. Tinha reunido á roda de si os sabios, e poetas mais celebres d'oriente e occidente; cultivava as letras; e os momentos que não despendia n'este commercio exclusivo da intelligencia, passava-os em cantos, danças, e conversação com as suas escravas mais mimosas. E estas companheiras dos seus recreios, notaveis pela belleza, não o eram menos pelo espirito. Quereis saber-lhe o nome? Eram Mozna, tão habil, que lhe servia de principal secretario; Aischa, donzella cordovez, de nobre linhagem, reputada a mais honesta e instruida mulher do seu seculo; e Safia, a poetisa, cuja formosura inspirou tão bellos versos. Mas de todas estas a mais singular pelos attractivos da belleza, a mais seductora, a que reinava com absoluto imperio no coração de abd el Rahman, era Azzahrat: d'ella era a estatua, tão peregrina, de marmore que se erguia á entrada do alcaçar: por sua causa somente, tinha o calipha mandado edificar o palacio, dispor os jardins, povoar a villa, que crescendo veio a ser cidade; e o palacio, os jardins, a villa, a cidade, novamente plantados tomaram por seu o nome da muito feliz escrava. Sua era aquella mansão encantadora; tudo alli recordava a ternura do sultão, o prestigio da Odalisca: e quando esta veio tomar posse do novo paço uma circumstancia houve que demonstrou ainda mais o seu poderio. «Não vês, senhor, disse ella para o seu amante, esta belleza nos braços d'aquelle negro?» Expressia assim no estylo oriental que lhe era desagradavel o contraste que fazia o marmore do alcaçar com a verdura sombria que tapizava os lados de uma montanha visinha. Era um caprixo mal fundado, mas foi promptamente obedecido; porque o calipha mandou logo aplanar a montanha, e não podendo aplanar-la, fez desaparecer a escura floresta, e em seu logar nascer o verdor mais doce de figueiras, amendoeiras, e rosaes e outras flores, que fossem mais apraziveis aos olhos da bella escrava.

E que mais podia ambicionar abd el Rahman se de quanto o homem póde desejar n'este mundo — gloria na guerra — poder na paz — dons da sciencia — requintes do sybaritismo — e gosos do amor — nada lhe faltava?

Coração do homem, quem sondará teus abysmos! Uma noite em que a musica, a poesia, a eloquencia, a formosura tinham á porfia procurado enleiar os sentidos, e doirar a existencia do calipha, chegada a hora de dormir, e recolhido ao seu quarto, o poderoso monarcha chamou um homem; homem singelo e desgraçado, que tendo provado todos os favores que no mundo se appetecem tanto, cheio de arrependimentos e rico de desenganos, mudára pelo de *Iob* o nome de Soleymão ben abd el Gafir com que o conhecia o seculo; trocára os luzimentos da córte pelas austeridades da vida ascetica; e atirára ao mundo com as vaidosas insignias de guerreiro para cobrir-se de vestes grosseiras, dedicar-se á oração, e a obras de caridade.

«Soleymão, Soleymão, homem virtuoso, [lhe disse o calipha a sós com elle] tu não sabes as amarguras da minha vida; mas tu só que tão bem avalias o nada das grandezas humanas, podes comprehender, meu servo fiel, as dores profundas que me laceram o coração. Passo as noites velando, Soleymão; porque me assaltam durante ellas terriveis presentimentos. Vejo ao norte, no

céo dos infieis, a nuvem negra ainda pequena como a minha mão, vir-se avolumando e estendendo para o horisonte das nossas terras e os minaretes das nossas mesquitas, até desfazer-se em trovões e raios sobre os filhos do propheta. Quero voltar as costas ás grandezas, resignar o sceptro, e como vós refugiar-me das tormentas do mundo na vida solitaria e simples da religião e da piedade.

— Senhor, todos os reis de Hespanha vos estão rendidos, a não ser esse pequeno régulo, o descrito conde de Castella; bem fraco e obscuro para que possa fazer a mais leve sombra ao vosso poder. Os mais soberanos da Europa tem reconhecido por seus embaixadores a vossa supremacia, e até a Asia inclina a face ante o vosso throno. Para as apprehensões que mostraes não vejo eu fundamento; e para resignardes a corôa não podeis auctorisar-vos com o exemplo de quem não tem como vós, vigario do propheta, que cumprir uma grande missão na terra.

— A prosperidade, Soleymão, tem-me acompanhado até agora; mas desconfio do futuro. As obrigações do pesado encargo, que o propheta me commetteu, hei cumprido até hoje.

— O futuro, senhor, não está na mão dos homens: devemos curvar a cabeça á Providencia que ata a cadeia dos successos. E o vosso encargo neste mundo é preciso desempenha-lo até o fim.

N'este ponto se quebrou o dialogo. Soleymão retirou-se ao seu aposento; aposento simples e pobre que contrastava com as magnificencias do alcaçar, mas condizia com a austeridade do Iob musulmano. Abd el Rahman arrancou um gemido. O mais poderoso monarcha do seu tempo, o sabio e afortunado calipha não era feliz!

(Continuar-se-ha.)
A. d'O. Marreca.



O MENINO E O MESTRE DA ESCOLA.

O AUXILIO, ou soccorro prestado ao que necessita, tanto mais é de agradecer quanto é mais prompto, porque no maior numero de casos a sua utilidade consiste em ser ministrado a tempo.

A litteratura tem reproduzido de varios modos este pensamento, que sob a forma jucunda do apologo se acha representado na gravura acima estampada. La Fontaine o expôz com seu estylo inimitavel; é a fabula 19.^a do L.^o 1.^o— Escolheremos para interprete de La Fontaine o nosso poeta puritano, Filinto Elysio, [P.^o Francisco Manuel do Nascimento].

*

No que ora conto mostrar quero um tólo
Que intempestivo maximas espalha.

Brincando á borda do ribeiro Sena,
Por descuido, um menino cabiu n'agua.
Quiz o céu que um salgueiro alli se achasse,
Que c'um ramo o salvou [de Deus abaixo!]:
Como digo, agarrado no salgueiro,
Ao mestre, que vê vir, grita o menino:

«Acuda-me que morro...»—

Volta o mestre a taes brados; e a deshoras
Com tom grave em argui-lo se espanja:

«Bem vês, rapaz traquinas,

«O que a tolice rende.

«Ora tomaí de taes maráus cuidado!

«Que infelices são páis, parentes, quantos

«Tem a seu cargo olhar por taes marmanjos!

«Que lidas! Que velar!... Quanto os lastimo!»—

Findo sermão, tirou o rapaz da agua.

No espelho deste conto é bem se mirem

Tagarelas, censores, e pedantes,

Tres relés, que tres grandes nações formam:

Relés que Deus tem muito abençoado:

Que o que ellas cuidam mais, em todo o ensejo,

É em dar á taramela.

Tira-me já do p'rigo, amigo honrado,

Depois sóta a parlenda.

ACADEMIA DAS BELLAS-ARTES DE LISBOA.

Exposição de 1843.

III.

Architectura.

In wit, as nature, what affects our hearts
Is not th'exactness of peculiar parts;
'Tis not a lip, or eye, we beauty call,
But the joint force and full result of all.
Thus when we view some well proportion'd dome,
(The world's just wonder, and ev'n thine, o Rome!)
No single parts unequally surprize,
All comes united to th'admiring eyes;
No monstrous height, or breadth, or length appear;
The whole at once is bold, and regular.—

POPE. ESS. ON CRIT. — P. II.

«Nas produções do engenho, como nas da natureza, o que toca os nossos corações não é a exacção de algumas partes separadas, não são os labios, ou os olhos o que chamâmos belleza, mas a força unida e o completo resultado do todo. Assim quando vemos um zimbório bem proporcionado (justa admiração do mundo, e até tua, ó Roma), não nos admira cada uma das suas partes de per si, tudo se apresenta unido aos olhos pasmados, nem a altura, comprimento ou largura parecem monstruosas; o todo é ao mesmo tempo extraordinario e regular.»—

Tradução do «Ensaio sobre a Critica» pelo conde (depois marquez) d'Aguiar: edição, no Rio de Janeiro, de 1810.—

O SCEPTICISMO comparado com a indiferença, é como a luz comparada com as trevas: tal é o asqueroso aspecto deste contagio moral que—se o compararmos ao delirio e incerteza dos scepticos—esta tormentosa situação da humanidade parecerá um bem! póde no cahos do scepticismo encontrar-se uma sombra do homem animado pelo sopro de Deus—um ultimo e semi morto reflexo da luz do céu.—O sceptico é um homem que não póde perceber Deus e a eternidade atravez da densa nuvem com que o seu orgulho intercepta a luz do céu: na maior blas-

phemia, surgida dos seus labios, vem ainda o cunho do poder superior de que foge — é um homem, apesar de o não querer ser: mas o indifferente deixa de ser homem sem o saber: para elle o espaço e o tempo não tem valor — o sentimento e a rasão morrem: porque não ha um pensamento que os avivente. — A humanidade avilta-se quando esta desgraça a envolve no seu manto impestado — abysmasse em um somno profundo e brutal que a torna inerte e como sem vida. — No seculo em que vivemos tem-se percebido muitos symptomas da proximidade desse lethargo fatal. — Um homem, cuja erudição é tão vasta como o seu imaginar, e que nas palavras do mundo em que vivemos nos appresenta pensamentos de um mundo futuro, depurados pelas recordações do passado, conheceu a existencia de alguns desses symptomas, soltou um brado, chamando os povos á vida, descreveu-lhes com todo o fogo do seu pensar, e com toda a convicção do seu sentir, o mal que os atormentaria. — Este homem foi Laménais: o seu *Ensaio sobre a indifferença* foi um livro que não entenderam, que não entendem — foi uma advertencia do céu que nem sequer resouu na terra — os homens fugiram da columna de luz que os poderia conduzir ao bem; e não tendo força para negar o que não queriam perceber, sem animo para conhecerem a nobreza e sublimidade da sua missão — inertes por haverem esgotado a urna das sensações, não se podendo erguer sobre o pedestal da vaidade, e altivos e ameaçadores como a estatua de Arminio no cimo de uma montanha, ou na floresta de Teutoburg; ou ajoelharam, com fé e esperança em Deus, como um anjo surgido da tela tocada pelo pincel de Urbino, ou do marmore fendido pelo escópro de Canova: ou rojaram pela terra, repassada pelo pranto das desgraças, como as Bachantes sobre a pelle das feras, e depois nem valor tiveram para repetirem a sacrilega blasphemia que o scepticismo havia escripto no seu negro estandarte, dizendo: o homem não é mais do que o bruto: olharam indifferentes para quanto os cercava, e a indifferença apagou-lhes a luz do genio no seio da alma — se algum houve que sentisse o calor suave desta santa chamma elevar-lhe a alma até as concepções brilhantes da divindade, erguer-lhe o pensamento até aos extasis mais sublimes — tambem teve de recolher no mais intimo do coração a amargura pungente que lhe causava a indifferença com que a multidão recebia os esforços do seu genio, os vóos do seu pensamento! Nem elogio, nem vituperio, nem prazer que dê vida, nem dór que mate: mas indifferença que faça soffrer, e soffrer muito — eis o premio recebido por esses homens inspirados, que com o pincel, o escópro ou a pena traçaram a imagem dos sonhos mais queridos da sua alma, em quanto os que os cercavam estavam adormecidos na beira do abysmo. — Neste periodo os monumentos foram derrubados — a architectura reduzida a uma palavra — a construcção deixou de ser arte. E ainda não ha dez annos que estes erros se começam a conhecer, o preconceito existe ainda; mas apesar das espessas trevas da ignorante indifferença, a luz do genio começa a brilhar, e hoje a critica deve dizer dos architectos o que Mr. Schmit, Presidente da secção de Bellas-Artes do *Instituto Catholico*, disse dos pintores e esculptores no relatorio que ácerca da exposição de 1843 appresentou em sessão geral. « *Au lieu de classer les peintres et sculpteurs d'après leur capacité manuelle, il faut les estimer en raison de la pensée qu'ils expriment.* »

ment. Este judicioso modo de pensar com que Mr. Schmit julgou as obras de esculptura e pintura, deve ser o mesmo como deve ser julgada a architectura; e se ha quem não perceba o pensamento que transforma o marmore em edificio, se ha quem não veja a idéa que esse edificio exprime, não precisaremos contar-lhe como a pedra, que o habitante da pobre pousada tinha fóra da porta para o viandante repousar, se transformou no pedestal da columna; como as folhas de uma planta, voltando-se, e unindo-se a uma telha com que haviam coberto o cesto, collocado sobre uma sepultura e em que guardaram as recordações de uma donzella de Corintho, inspirou a Callimaco a idéa do capitel corinthio; não necessitaremos de o convencer por argumentos: pois que basta olhar para uma ruina, para uma cathedral ou para qualquer edificio elevado pela arte, e escutar a voz interior do sentimento, para perceber a imaginação que se traslada á pedra para ser admirada e comprehendida — a impressão que sentimos ao considerar desta maneira uma producção da arte, assemelha-se á que Pope descreve nos versos que do seu excellente *Ensaio sobre a critica* escolhemos para epigraphe deste artigo, em que pertenderemos representar o effeito do todo, da harmonia, ou do pensamento, que deu origem ás differentes producções architectonicas que enriqueceram a exposição. Pouco poderemos dizer ácerca da parte scientifica dessas producções; mas no que dissermos sobre o pensamento ou a forma, seguiremos, quanto nos permitir o nosso pouco saber, o preceito do poeta e critico por nós citado.

A perfect judge will read each work of wit
With the same spirit that its author writ;
Survey the whole, nor seek slight faults to find
Where nature moves, and rapture warms the mind:
Nor lose for that malignant dull delight
The gen'rous pleasure to be charm'd with wit.
Pope. Essay on Criticism. — ()*

Deste nosso procedimento se não deve concluir que nesta simples apreciação que fazemos não só das producções architectonicas, mas de toda a exposição, haja indulgencia ou favor: o que não ha, nem póde haver de modo algum, é desejo de transformar alguma inevitavel falta, que porventura possa existir, em defeito indesculpavel — é d'este modo que desejámos que este nosso escripto seja julgado.

A architectura appresentou-se nesta exposição tão rica e vigorosa pelo pensamento, tão variada e perfeita na forma, e tão acertada na intenção, que poderá talvez merecer alguns reparos de pouca monta, mas que por certo não póde recahir-lhe a menor censura. — Na situação moral em que a Europa está, na situação especial em que está Portugal, todo o elogio que se possa tributar ao saber e amor com que os nossos architectos estudam a arte, será muito merecido: e sequer uma vez façam-lhe á justiça devida, já que tantas se lhe não tem feito; e na rapida descripção dos seus trabalhos admiremos o merecimento com que a reclamam.

(*) O perfeito juiz deve ler qualquer obra de engenho com o mesmo espirito, com que seu auctor a escreveu: observai o todo, não procureis achar leves defeitos, quando a natureza move e a alma transportada se inflamma, nem percais por aquelle maligno e insulso deleite o generoso prazer de ficardes encantado com uma composição engenhosa. — Traducção do conde d'Aguiar, já citada. —

O Sr. Fonte imaginando e executando o plano para um palacio de justiça, reconheceu a vantagem que deve resultar de reunir em um edificio os tribunaes, os quaes, para bem administrarem justiça, e com as menores dilatações possiveis, não devem estar separados. O pensamento do Sr. Fonte alem do seu valor esthetico, de que já fallámos no artigo precedente, tem o proveitoso e acertado da intenção; o mesmo se verá quando tratarmos dos outros planos de que ainda devemos fallar. — O projecto do palacio de justiça é imaginado com a extensão de 1:213 palmos em quadro, e no estylo da architectura romana. — A fachada principal tem no centro um portico — o frontão é sustido por seis columnas da ordem corinthia, e da mesma ordem são os vinte e seis pilares que decoram esta fachada e lhe dão um character severo e nobre — em cada extremo ha um corpo de columnas — no centro do edificio ha um grande páteo ornado com um peristyllo. — A planta foi traçada em attenção á nossa organização judicial — e alem da sala do jury, cartorios e todas as accommodações para o supremo tribunal de justiça, &c., tambem está traçada de modo que o tribunal de commercio se poderia tambem accommodar neste palacio, que pelo aspecto e commodidades offerece todas as vantagens requeridas em um tão vasto e util edificio; e que demonstrou a justiça com que geralmente é louvado o saber e boa execução que se manifesta nas obras do digno professor de architectura civil. O seu substituto, o Sr. Sequeira, digno sobrinho do nosso tão lembrado e tão celebre artista do mesmo nome, deixou impressa toda a fecundidade da sua imaginação, e todo o esmero com que appresenta as suas concepções, na elegantissima casa de campo, de que já fallámos. Ainda quando a importancia, que está ligada ao apparecimento deste projecto pelo modo como auxilia a resolução d'uma grave questão d'arte (*), não bastasse para que fosse examinado com a maior attenção, a formosura com que foi executado como que atrahia toda a attenção, e ante este encanto da forma chegámos muitas vezes a esquecer o grande pensamento que representava — consta este projecto de tres fachadas, duas plantas e um córte principal, tudo desenhado com primor e com muita intelligencia; o edificio é imaginado no espaço de um parallelogramo — rectangulo de 281 palmos de lado por 198. No centro da fachada principal ha um frontispicio saliente, por cujos lados podem entrar as carruagens: formando deste modo o corpo central um atrio coberto, que tambem tem entradas pela frente, as quaes são formadas por um arco central em ogiva, e dois menores e semi-circulares — o atrio communica com os lanços das escadas principaes que de ambos os lados sobem ao pavimento nobre, e com as que descem ao plano terreo, as quaes são immediatas a estas — este corpo principal é uma das partes mais encantadoras do edificio tanto pela elegancia como riqueza dos ornatos: pelo corpo attico, que remata a decoração, sobe-se á varanda que serve de corôa ao frontispicio; deste mesmo corpo se pôde passar, tanto de um como de outro lado, para os terraços que cobrem todo o edificio; estes terraços, que tanto lhe servem de recreio e que muito harmonisam a construcção, foram circumdados por uma varanda geral, cuja batiçãda é em forma de entrelace, ornada com pilares separados do modo mais conveniente: nos angulares pousam estatuas, e nos demais — vasos —

(*) Vid. o art. 2.º a pagg. 20 e 21.

a grilhagem da varanda tem uma certa originalidade que muito agrada — as janellas são muito bem imaginadas, e os dois corpos extremos da fachada principal estão em harmonia com o corpo central. — As fachadas lateraes combinam perfeitamente com o todo do edificio, e cada uma tem no centro um portico. A planta terrea comprehende todas as officinas indispensaveis em um similhante edificio: o pavimento nobre contém as casas para habitação do proprietario e sua familia; capella, bibliotheca, salas e todas as mais commodidades que o Sr. Sequeira tão perfeitamente mostra nesta planta — no centro do parallelogramo, rectangulo formado pelo espaço que o edificio occupa, ha um grande páteo ajardinado que dá luz e ar ás casas interiores, que por este modo ficam sendo muito bem arejadas: por cima do pavimento nobre existe a necessaria altura para se estabelecer um terceiro plano de menor pé direito. — O córte geral que atravessa o edificio passa por uma linha parallela as maiores fachadas, e mostra as decorações interiores que estão para a parte do jardim, e as das salas por onde passa, vistas pela largura — as decorações são de muito bom gosto e bem appropriadas. A imperfeita descripção deste original e bello edificio será por certo bastante para se formar idéa do genio deste artista, que em muitas outras suas producções se manifesta de um modo tão brilhante como nesta — o seu projecto para um palacio para a Camara Municipal pôde servir de exemplo ao que dizemos. — Este palacio é construido no estylo romano modificado pelos venezianos, mas não alterado no tempo em que Veneza foi Veneza. — O projecto para um theatro nacional, de que havemos de ter occasião de fallar, está no mesmo caso, quanto ao modo como foi imaginado e executado; mas o que mais nos admira é a incançavel actividade do Sr. Sequeira, que servindo de secretario da Academia; leccionando nas aulas nocturnas, em que presta o valioso serviço á patria de diffundir os indispensaveis conhecimentos de desenho aos individuos das classes fabris que frequentam essas aulas com bastante aproveitamento; e havendo entrado no concurso para a construcção do theatro nacional e no que se abriu para a escolha de um monumento erigido á memoria de S. M. I. o Sr. Duque de Bragança; pôde appresentar um plano tão perfeito como o da casa de campo, com que tanto honrou a exposição. Para utilidade dos seus discipulos ultimou e publicou um tratado elementar das cinco ordens de Vinhola, e um compendio de perspectiva theorica e pratica; e compillou um tratado elementar sobre a theoria e a pratica das sombras, cuja necessidade é geralmente reconhecida, e que brevemente será publicado. O Sr. Sequeira é por todos estes motivos digno dos maiores elogios e de muita consideração; — e torna ainda muito mais bem merecidos os louvores, que tanto do coração temos dirigido ao Sr. Fonte e ao Sr. Sequeira, o merito dos discipulos que appresentam: — ante as obras destes discipulos, como ante as dos mestres, não repetiremos o que disse Mr. de la Bédollierre analysando a exposição das producções architectonicas que os pensionistas do governo francez remetteram de Roma em 1843: pois que dividindo a architectura em duas partes, uma racionio, outra imaginação, formulou o juizo dessa exposição nestas palavras — *la science a tué l'art.* — A sciencia e arte reuniram-se em a nossa exposição e não se guerrearam. —

(A continuação deste art. no seg. n.º)